



PEDRO ANTONIO MUNIZ MALAFAIA

Nasceu na cidade de São Fidélis, RJ, em 24 de março de 1966. Formou-se em Zootecnia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 1988, e em Medicina Veterinária na Universidade Severino Sombra (USS), em 2011. Concluiu Mestrado (1995) e Doutorado (1997) na Universidade Federal de Viçosa (UFV); também realizou doutoramento em Medicina Veterinária, na área de Patologia e Ciências Clínicas na

UFRRJ, em 2015. É Professor Titular do Instituto de Zootecnia da UFRRJ. Desde o início de sua carreira profissional, dedica-se ao estudo das doenças que acometem os ruminantes, principalmente as causadas pelas deficiências minerais e por erros alimentares.

“Conheci o Professor Tokarnia ainda durante minha graduação em Zootecnia, na UFRRJ. O mais curioso foi que o conheci, creio em 1986, como sendo o “molhador” das plantas ao redor do IZ e também como o sujeito que, além de cuidar das plantas, era um zeloso coletor dos “materiais” (diga-se lixo...) deixado ao redor do prédio do Departamento de Nutrição Animal e Pastagens (DNAP). Os meus colegas, mais antigos no curso, sempre se referiam a ele dessa maneira e aquilo me despertou uma curiosidade de saber o porquê daquele hábito inusitado “todo santo dia”, entre as 17 e 18 horas !!! Um belo dia, ao abordá-lo, educadamente, ele me disse que

molhava e cuidava das plantas tóxicas que eram usadas para ensinar os alunos da Veterinária e que aproveitava e dava uma “geral” ao redor do prédio – fato que denota, claramente, um imenso compromisso com a lecionação de qualidade e com o zelo pelas coisas públicas; dois aspectos que sempre me impressionaram muito. Ao saber que era um Professor do IZ e de uma área tão nobre para a pecuária nacional, logo pedi estágio ou permissão para acompanhá-lo nas pesquisas e viagens mais perto da UFRRJ. Sua primeira resposta foi um “SIM” (demonstrando generosidade) e uma advertência – “não tolero atrasos e desvios de conduta”!!! Falei comigo mesmo: nossa que sujeito “diferente” dos seus demais “colegas”... vou “grudar” nele, pois deve ter muito a me ensinar. Assim foi, até minha formatura, e nunca me arrependi. Ao me ensinar sobre as deficiências minerais e sua correção, fundada no diagnóstico, vi que era um assunto

extremamente importante e não ensinado nas disciplinas de nutrição animal e de nutrição de ruminantes que eu tinha feito, nas duas universidades por onde tinha estudado – fato que ocorre até hoje, com raras e honrosas exceções! Em janeiro de 1991 me tornei Professor do Departamento de Nutrição Animal e Pastagem (DNAP). Minha 1^a sala, por dois anos, foi exatamente a mesma do Prof. Tokarnia – aí foi que eu aprendi, não somente assuntos ligados à profissão, mas valores ético-morais que me deram um verdadeiro “choque” mental; não sei o que eu seria, profissionalmente, se não houvesse o Prof. Tokarnia na minha vida (aqui extendo, também, ao meu saudoso Prof. Mário Martins Pinheiro, da nutrição animal do IZ-UFRRJ. Quase “enfartei”, no meu primeiro dia de aula da disciplina de Nutrição Animal, para a graduação de Veterinária, quando o Prof. Tokarnia estava sentado na 1^a carteira e me disse que iria assistir

todo o meu curso!!! Eu não sabia o que fazer e nem o que “ensinar” (“coisa típica de um professor”) e arrumei um jeito sutil de “enrolar” a turma e “salvar” a minha cabeça... disse que naquela 1^a aula eu iria apresentar o laboratório de Bromatologia e iria liberar os alunos e que na 2^a semana o curso começaria para valer. Foi a 1^a e última vez que não iniciei um curso na 1^a semana de aula. Ao me recuperar do “susto” e cair na real que eu era um professor extremamente limitado e que alunos são gente de verdade e não personagens, tive que me preparar alucinadamente para a longa vida acadêmica que só estava iniciando. Por mais de 10 semestres consecutivos (tenho tudo anotado...) o Prof. Tokarnia sempre assistiu minhas aulas na graduação; quando retornei do doutorado, lá estava ele assistindo as aulas da Pós-graduação. Esse comportamento denota, claramente, uma gigantesca humildade

intelectual. Infelizmente, até hoje, nunca um “colega” da nutrição assistiu minhas aulas; esquecem que só se evolui no magistério partilhando conhecimentos. Hoje, com mais de 30 anos de sala de aula, trago comigo alguns valores e lições que ele me passou, tais como: *“aluno não pode ter aula medíocre, nem ter aula com outros que não seja o Professor competente; um professor ruim é, antes de tudo, um criminoso; quem chega atrasado é um ladrão do tempo alheio; não confie na memória – anote tudo; não se avalia um professor apenas por seus artigos publicados, etc.”*

Realizamos, por mais de 25 anos, inúmeras viagens científicas a vários estados brasileiros, sempre na busca incessante pelo diagnóstico e na solução de problemas que afligiam os pecuaristas. Também fizemos muitas viagens para dar cursos e palestras sobre minerais para ruminantes (eu) e plantas tóxicas (ele). Essas

viagens eram um verdadeiro “êxtase”, pois eu tinha a plenitude da essência do Professor; seus conselhos, trejeitos, hábitos, estórias de casos, “puxões de orelha”, sua energia vital, etc. Sem sombra de dúvidas que o destino foi extremamente generoso comigo ao propiciar esse encontro, longo e fecundo, com esse ser humano que tanto dignificou a nossa espécie; como bem nos legou Santo Agostinho, *“precisávamos dele para sermos nós mesmos”*... Por essas razões sempre o considerei um Professor Socrático.



18/1/1991 - Quando da minha nomeação para ser Professor do IZ-UFRRJ.



29/4/2014 - Aula prática de plantas tóxicas e deficiências minerais em Miguel Pereira, RJ.